LEVANTAMENTO, IDENTIFICAÇÃO FLORÍSTICA E PRODUÇÃO DE EXCICATAS DE ESPÉCIES LENHOSAS, COM POTENCIAL FORRAGEIRO, NA REGIÃO DE PIROÁS EM REDENÇÃO – CE

Amanda Cardoso Rocha [1], Silas Primola Gomes [2], Davi Moreira Matos [3], Andrezza Araújo de França [4], João Guilherme Justino da Costa [5], Silas Primola Gomes [6]

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi realizar o levantamento, a identificação florística e a confecção de exsicatas das espécies lenhosas com potencial forrageiro, existentes na região de Piroás localizada no distrito de Barra Nova, no município de Redenção, estado do Ceará, na macrorregião do maciço de Baturité. Os trabalhos foram realizados na Fazenda Piroás do Instituto de Desenvolvimento Rural da UNILAB. O levantamento e a identificação foram conduzidos a partir do método de caminhamento. Posteriormente foi criado um herbário didático, através de coleção de exsicatas. Foram identificadas nove espécies que apresentam potencial forrageiro, assim como suas respectivas frequências na área, permitindo o agrupamento em categorias. O Sabiá, a Jurema Branca, o Marmeleiro e o Jucá são as plantas nativas forrageiras mais frequentes na área, indicando que estas seriam as espécies de maior potencial forrageiro para uso na região.

Palavras-chave:

ALIMENTAÇÃO ANIMAL. COMPOSIÇÃO BOTÂNICA. FORRAGICULTURA. SEMIÁRIDO. VEGETAÇÃO NATIVA.

[1] UNILAB, IDR, Discente, e-mail: amandarocha0796@gmail.com
[2] UNILAB, IDR, Docente, e-mail: silas.primola@unilab.edu.br
[3] UFC, Centro de Ciências Agrárias, Discente, e-mail: davimoreiramatos@gmail.com
[4] UNILAB, IDR, Docente, e-mail: andrezza.franca@unilab.edu.br
[5] UNILAB, IDR, Discente, e-mail: joaosabido12@gmail.com
[6] UNILAB, IDR, Docente, e-mail: silas.primola@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A Caatinga é o bioma predominante da região Nordeste do país, sendo constituída por espécies arbustivas, arbóreas e herbáceas que apresentam características xerofíticas (Leal et al., 2003). Assim como as diversas matas tropicais, a vegetação da Caatinga também é muito ameaçada devido à intensa exploração humana, pela atividade agrícola cada vez mais desenvolvida, pelo excessivo extrativismo da madeira e lenha e pelo uso da pecuária extensiva (Moreira et. Al, 2006).

Nesse contexto, a vegetação nativa da Caatinga é uma importante fonte de alimentação para os rebanhos que habitam a região, abrangendo cerca de 900 mil km², o que corresponde a aproximadamente 54% da região nordeste e 11% do território brasileiro (Andrade et al, 2006). Estudos apresentam que 70% das espécies botânicas da caatinga fazem parte consideravelmente na composição da dieta dos ruminantes domésticos.

Segundo Rodal et al. (1992) não existe uma lista florística completa com as espécies arbustivas e arbóreas da caatinga, sendo a maior parte das identificações realizadas de forma regional, para espécies restritas. Caldas Pinto et al. (2006), relatam que a maior parte da área explorada para produção animal nesta região, utiliza o estrato herbáceo e arbóreo-arbustivo que possui diversas espécies, destacando-se espécies como o sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*), a faveira (*Parkia platicephala*) e o mororó (*Bauhinia cheilantha*), entre outras.

Portanto, é de grande importância a realização de estudos voltados para a investigação das espécies de interesse, assim como para a determinação de técnicas de manejo e a conservação de forragens. Uma alternativa para determinar a quantidade real de forragem disponível é através da identificação de plantas forrageiras por meio de levantamento florístico. Esse método visa identificar as espécies que possam ocorrer em uma determinada área, sendo significativo para o conhecimento de um ecossistema e para o manejo florestal.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo realizar o levantamento, a identificação florística e a confecção de exsicatas das espécies lenhosas com potencial forrageiro, existentes na região de Piroás.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado na Fazenda Experimental Piroás (04º14’53” S e 38º45’10” W), pertencente à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada no distrito de Barra Nova, em Redenção – CE. Esta região pertence à macrorregião do Maciço de Baturité, que possui clima tropical quente, sendo classificada como clima Aw, pela classificação climática de Koppen (caracteriza-se por uma estação chuvosa, com índices pluviométricos elevados no verão, e uma estação seca no inverno).

De acordo com Araújo Filho (2013), a primeira fase de avaliação de uma pastagem nativa, consiste na identificação e caracterização do sítio ecológico. Este pode ser considerado o menor ecossistema funcional da pastagem, sendo portanto, uma comunidade vegetal clímax característica com fatores uniformes de clima, solo e topografia. Assim, para a escolha da área foram utilizadas imagens de satélite para a localização e quantificação da unidade amostral. Sendo assim, a área escolhida demonstrava as seguintes características: possibilidade de realização da técnica de caminhamento rápido na área de uma mesma fitofisionomia e possibilidade de uso futuro da área, para pastagem em integração com floresta.

O estudo foi conduzido no período das chuvas na região, a partir do método de caminhamento definido por Filgueiras et al. (1994) que consiste em 3 passos principais: 1. Verificação da vegetação encontrada no local; 2. Elaboração de uma lista com as espécies encontradas no local; 3. Análise de resultados.

Para o método de caminhamento, delimitou-se 4 linhas onde realizou-se a identificação das espécies forrageiras na área experimental, onde foram marcados pontos de GPS para a melhor visualização do

caminhamento realizado.

Para a determinação da frequência das espécies foram estabelecidas linhas na fitofisionomia identificada contendo 50 metros de espaçamento entre si na área de 1 ha. Calculou-se a frequência relativa das plantas com potencial forrageiro conforme a metodologia estabelecida por Rodal et al. (1992).

$$F(\%)=\text{Ocorrência}/(\text{Total de pontos}) \times 100$$

Foram coletadas amostras das plantas identificadas, com o intuito de confeccionar exsicatas. Para a confecção das exsicatas utilizou-se a metodologia no modelo de exsicatas definido por Fidalgo e Bononi (1989). Estes autores indicam que as plantas sejam costuradas em pontos estratégicos com a utilização de agulha e linha (a espessura da linha pode variar de acordo com a amostra, mas a mais utilizada é a número 10) em cartolina branca cortada em tamanho padrão de aproximadamente 42 x 28 cm. Fixa-se uma etiqueta informando os dados do material (data de coleta, nome do coletor, nome científico e comum, etc.) de preferência no canto superior esquerdo da cartolina, e no canto inferior direito um envelope para armazenar partes do material que podem ter caído no processo de secagem, como também as que foram retiradas para estudo.

O tempo de secagem das amostras, seja ela em estufa ou em uma prensa, é determinado pelo acompanhamento contínuo do material, podendo variar bastante entre as diferentes amostras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o percurso, as plantas foram devidamente identificadas e elaborou-se a listagem das espécies identificadas nas linhas (Tabela 1).

(*) = número de observações da espécie na linha de caminhamento.

A partir dos resultados obtidos, calculou-se a frequência relativa conforme a metodologia proposta por Rodal et al. (1992) (Tabela 2).

As plantas forrageiras identificadas foram agrupadas e alocadas em categorias de acordo com sua frequência na área experimental, como apresentado na tabela 3.

Os resultados da tabela 3 se assemelham aos obtidos por Pereira Júnior (2012), onde a família que apresentou maior número de espécies durante o caminhamento foi a Fabaceae, família do Mororó, Jucá e Jurema Branca, indicando que estas seriam as espécies de maior potencial forrageiro para uso na região. Dos Santos (2016), ao realizar a caracterização da vegetação da caatinga nos estados de Pernambuco e Paraíba, verificaram que as espécies botânicas que apresentaram maior concentração, também pertenciam à família Fabaceae. Levando em consideração a elevada distribuição dessas espécies na área, pode-se considerá-las adaptadas ao ambiente e ao déficit hídrico presente por vários meses na região semiárida (SANTOS, 2012).

Realizou-se a confecção das exsicatas das plantas que possuíam potencial forrageiro no intuito de criar o acervo didático na Fazenda Piroás, onde as comunidades acadêmica e de produtores locais teriam acesso (Figura 1).

Figura 1. Exsicatas das plantas com potencial forrageiro.

A criação do acervo das exsicatas permitirá tanto para a comunidade local como acadêmica, o conhecimento da vegetação presente na caatinga, que é muitas vezes subestimada em seu potencial, principalmente forrageiro, incentivando também a preservação e por consequência a sustentabilidade do bioma local, através do uso de espécies nativas para produção animal sem a necessidade de realizar o desmatamento da vegetação original.

CONCLUSÕES

A vegetação nativa, existente na Fazenda Piroás, apresenta espécies forrageiras, sendo as mais prevalentes o Mameleiro, o Sabiá, a Jurema branca e o Mororó.

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários da Fazenda Piroás pela disponibilidade e colaboração para a execução do trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, AP de et al. Produção Animal no Bioma Caatinga: Paradigmas dos' Pulsos-Reservas'. Revista Brasileira de Zootecnia, v. 35, n. ssupl. especial, 2006.

ARAÚJO FILHO, JOÃO AMBRÓSIO DE. Manejo pastoril sustentável da caatinga. Brasília: Cidade Gráfica e editora Ltda, 2013.

CALDAS PINTO, Maria do Socorro et al. Potencial forrageiro da caatinga, fenologia, métodos de avaliação da área foliar e o efeito do déficit hídrico sobre o crescimento de plantas. Revista Eletrônica de Veterinária REDVET, v. VII, n 4, 2006.

DOS SANTOS, FRANCISCA GIZELE RODRIGUES et al. Caracterização da vegetação da Caatinga em sítios de pastejo no semiárido nordestino. In: Embrapa Caprinos e Ovinos-Resumo em anais de congresso (ALICE). Arquivos Latinoamericanos de Produção Animal, v. 24, supl. 1, p. 118, 2016. Resumo 684-2., 2016.

FIDALGO, OSWALDO; BONINI, VERA LÚCIA RAMOS (Ed.). Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico. Secretaria do Meio Ambiente, 1989. P.53-54.

FILGUEIRAS, Tarciso de Sousa et al. Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos. Cadernos de Geociências, v. 12, n. 1, p. 39-43, 1994.

LEAL, INARA ROBERTA; DA SILVA, JOSÉ MARIA CARDOSO. Ecologia e conservação da Caatinga. Editora Universitária UFPE, 2003.

MOREIRA, JOSÉ NILTON et al. Caracterização da vegetação de Caatinga e da dieta de novilhos no Sertão de Pernambuco. Pesquisa Agropecuária Brasileira, v. 41, n. 11, p. 1643-1651, 2006.

PEREIRA JÚNIOR, L. R.; DE ANDRADE, A. P.; ARAÚJO, K. D. Composição florística e fitossociológica de um fragmento de caatinga em Monteiro, PB. Holos, v. 6, 2012.

RODAL, M. J. N.; SAMPAIO, E. V. de S. B.; FIGUEIREDO, M. A. Manual sobre métodos de estudo florístico e fitossociológico: Ecossistema Caatinga. Brasília: Sociedade Botânica do Brasil, 1992.

SANTOS, Mario Campos; SANTOS, Francielle Rodrigues. Levantamento florístico e fitossociológico em sistema agrossilvipastoril como fonte de alimento para a ovinocultura no semi-árido sergipano.

AGROPECUÁRIA CIENTÍFICA NO SEMIÁRIDO, v. 7, n. 2, p. 15-20, 2012.